

**carta convocatória**

# **Por una liderança que gera vida**

Suscitar a vitalidade do carisma e da missão marista, hoje



Irmão Seán D. Sammon, FMS  
Em 7 de outubro de 2004  
Festa de N. Sra. do Rosário

Seán D. Sammon SG

***Por uma liderança que gera vida***

*Suscitar a vitalidade do carisma e da missão marista  
hoje*

*Conferência Geral 2005 - Carta convocatória*

Roma, 07 de outubro de 2004

**Título original inglês:**

***Life-giving Leadership***

*Fostering vitality in Marist life and ministry today*

*General Conference 2005 - Letter of convocation*

**Tradução:**

Manoel Soares fms

**Editor:**

Instituto dos Irmãos Maristas

Casa Geral

Roma, ITÁLIA

**Redação e Administração:**

Irmãos Maristas

Piazzale Marcelino Champagnat, 2

00144 Roma, ITÁLIA

Tel. (39) 06 545171

Fax. (39) 06 54517217

publica@fms.it

www.champagnat.org

**Diagramação e Fitolitos:**

TIPOCROM S.R.L.

Via G.G. Arrivabene, 24

00159 Roma, ITÁLIA

**Impressão:**

C.S.C. GRAFICA, S.R.L.

Via G.G. Arrivabene, 24

00159 Roma, ITÁLIA

## O Caminho não Escolhido

Dois caminhos bifurcavam num bosque outonal,  
lamentando não poder seguir os dois  
e sendo apenas um caminhante, indeciso,  
fiquei muito tempo parado a explorar, com o olhar,  
aquele que se perdia no fundo da mata.  
Então segui o outro, como sendo mais merecedor  
ou tendo talvez melhor perspectiva,  
porque coberto de mato e querendo uso,  
embora os que por lá passaram  
os tenham percorrido de igual forma.  
E ambos se ofereciam nessa manhã,  
com suas folhas que passo nenhum pisou.  
Oh, guardei o primeiro para outro dia!  
Embora sabendo que todo caminho leva para longe,  
e duvidasse que algum dia pudesse aqui voltar.  
Direi isto suspirando,  
Daqui a muitos anos depois:  
Dois caminhos se separavam num bosque.  
E eu..., eu escolhi o menos percorrido:  
E isto faz toda a diferença.

*Robert Frost*

---

Nota do Trad. : É importante que o leitor conheça a *priori* a análise que o autor fazia sobre a tradução desse poema : “ A poesia, é aquilo que se perdeu durante a tradução. ” (R. Frost)





---

## **CARTA CONVOCATÓRIA À CONFERÊNCIA GERAL, EM 2005**

7 de outubro 2004  
Festa de N. Sra. do Rosário

Caros Irmãos Provinciais, Superiores de Distrito, Irmãos, e todos que amam o carisma de Marcelino Champagnat e o cultivam como um dom precioso.

O hábito de nos reunirmos como Irmãos, para discutir nossa vida, nossa missão e a orientação futura do nosso Instituto, remonta ao tempo do Fundador. Seus biógrafos nos lembram que, desde a crise das vocações, em 1822, Marcelino estabeleceu esse hábito de reunir os Irmãos mais experientes da comunidade para aconselhar-se com eles.

O Fundador sabia, intuitivamente, que esse tipo de colaboração alimentava o espírito de caridade, encorajava a reflexão, a partilha, e conduzia a uma maior unidade. Todas essas coisas enchiam o Padre Champa-

gnat de grande alegria, quando as encontrava nos seus irmãos.

É, pois, neste mesmo espírito que eu escrevo, hoje, para convidar nossos Irmãos Provinciais e nossos Superiores<sup>1</sup> de Distrito para a nossa sétima Conferência geral. O encontro acontecerá em Colombo, Sri Lanka, de 5 a 30 de setembro de 2005.

Nossas *Constituições e Estatutos* nos dizem que a Conferência geral é uma assembléia consultiva que tem um duplo objetivo: Primeiramente, ela nos oferece a oportunidade de reforçar a unidade no Instituto. Segundo, ela permite a todos que dela participam, a possibilidade de estudar questões de interesse geral e de propor soluções.

## **CARTA DE CONVOCAÇÃO**

Esta carta está dividida em três partes. A primeira contém um *breve histórico das Conferências gerais passadas*. Mesmo que

---

<sup>1</sup> Se os Estatutos do Distrito prevêm

# Por uma liderança que gera vida

---

os Superiores gerais tenham convidado para estar em Roma, grupos de Provinciais e Superiores de Distrito, antes do Vaticano II, a estrutura que nós temos agora, e que chamamos de Conferência geral, é um fenômeno pós-conciliar.

A segunda parte da carta, *Expectativas, Desafios e Sinais dos tempos*, compõe o coração. Eu

*A Conferência geral é uma assembléia consultiva que nos oferece a oportunidade de reforçar a unidade no Instituto e permite a todos que dela participam, a possibilidade de estudar questões de interesse geral e de propor soluções.*

lanço duas questões, às quais eu mesmo respondo: *Racionalmente, o que podemos esperar de uma Conferência geral? (e), Quais são os desafios que nosso Instituto deve levar em conta, hoje?*

Uma última parte, sobre a *Liderança marista*, conclui esta carta de convocação. No apêndice, vocês encontrarão detalhes práticos que lhes ajudarão a se preparar para a Conferência, além de informações sobre o Sri Lanka.

Três séries de questões, para refletir, estão distribuídas ao longo do texto. Elas ajudarão vocês a conhecer as próprias reações durante a leitura desta carta. É importante reservar tempo e escrever, sobre o papel, suas idéias e impressões; essas notas lhes serão úteis por ocasião das discussões posteriores, que poderão surgir sobre o conteúdo da carta. Dito isto, comecemos com um breve histórico das Conferências gerais passadas.

## P A R T E I I

### CONFERÊNCIAS GERAIS ANTERIORES

Mesmo que nosso Instituto tenha tido sempre a tradição de consultar, as Conferências gerais não são uma prática muito anti-



ga. Este costume começou praticamente quando o Irmão Charles Raphaël e seu Conselho decidiram convocar a Roma os responsáveis do Instituto, por duas vezes: a primeira em 1961, e a segunda em 1965.

No final do Concílio Vaticano II, os encontros de Provinciais e de Superiores de Distrito, com os membros da Administração geral, adotaram uma forma mais estruturada. O que nós chamamos hoje a Conferência geral é um bom exemplo dessa evolução. Vejamos como este encontro teve início e cresceu, seguindo um modelo que nos é atualmente familiar.

a. Em 1971, o Irmão Basílio Rueda e seu Conselho convocaram a primeira Conferência geral. Ela durou 19 dias e foi aberta com uma mensagem intitulada: *Meditação, em alta voz, de um Superior geral a seus Irmãos Provinciais*. Ela abordou as cinco maneiras diferentes de entender a renovação marista.

Seguiu-se depois um tempo intenso de trabalho. Aqueles

que estavam reunidos participaram de uma oficina de três dias, sobre dinâmica de grupo, e estudaram os cinco temas apresentados pelo Ir. Basílio, por ocasião da sua mensagem de abertura. Durante o encontro, a expressão *missão ad gentes* começou a ser usada, assim como as novas orientações para a formação. Finalmente, foi encorajada a formação de grupos regionais e lingüísticos.

Para começar, os Provinciais foram convidados a preparar um relatório, a partir das suas reflexões e esforços vividos durante o período de experimentação, dado à vida religiosa, depois do Concílio.

b. Os participantes da 2ª Conferência geral, em 1974, concentraram seus esforços na preparação do próximo Capítulo geral. Objetivando a preparação, os Provinciais foram convidados a reunir dados sobre as numerosas experiências comunitárias e apostólicas, desenvolvidas na sua Unidade Administrativa.

## Por uma liderança que gera vida

---

O método ver/julgar/agir foi utilizado pela primeira vez, durante essa Conferência. A reunião terminou com duas grandes recomendações: uma para a Comissão preparatória do Capítulo geral de 1976, e a outra para o Superior geral e seu Conselho, sobre o tema da renovação da vida marista.

c. A Conferência de outubro de 1979 durou duas semanas. Os participantes fizeram um esforço para avaliar o progresso da renovação em suas Províncias. Em vista do futuro Capítulo geral de 1985 e do trabalho para terminar o texto das nossas *Constituições e Estatutos*, o Conselho geral da época procurou assegurar-se de que o tema da experiência prática dos irmãos, durante os últimos quinze anos de renovação, faria parte das discussões que estavam previstas.

Quem observar o trabalho dessa Conferência perceberá que os membros eram cada vez mais conscientes da necessidade de aprofundar o tema da identidade do Irmão Marista atual.

Isso ajuda, talvez, a explicar

o intenso espírito de oração que marcou particularmente essa Conferência geral. O horário previa uma hora de oração pessoal e o Irmão Basílio dedicou sua mensagem de encerramento a este tema. Além do mais, uma manhã da Conferência foi reservada para o Fundador e uma outra para Maria.

d. A quarta Conferência geral, em 1982, se estendeu por quatorze dias. Os participantes desejavam avaliar o período de experiência, ocorrido depois do Concílio Vaticano II, e encontrar os meios para revitalizar o espírito apostólico que sempre marcou nossa vida de irmãos. Uma vez mais, o encontro foi marcado pelo espírito de oração; a primeira hora de trabalho de cada dia era reservada à reflexão pessoal e à oração.

e. A quinta Conferência geral coincidiu com o 200°. aniversário de nascimento do Fundador e o 150°. aniversário da sua morte. Era também a primeira Conferência a acontecer fora de Roma.





Os participantes se reuniram em Veranópolis, Brasil, em fins de setembro de 1989. O tema da Conferência foi: “A Missão do Irmão Marista para o dia de amanhã.” Um pequeno grupo de jovens irmãos havia sido convida-

*Nós somos um Instituto internacional, há mais de um século, mas nem sempre nos comportamos como tal...*

do para esse encontro, e permanecerem até ao fim do mesmo.

f. A sexta Conferência geral voltou a ser realizada em Roma, em 1997, após os assassinatos dos Irmãos Fabien Bisengimana, Gaspard Gatali, Christopher Mannion, Pierre-Canisius Nyilinkindi, Étienne Rwesa, Joseph Rushigajiki, e Henri Vergès, em 1994, e aqueles mais recentes, de 1996, quando foram mortos os

Irmãos Miguel Angel Isla, Fernando de la Fuente, Servando Mayor e Julio Rodríguez.

Os membros da Conferência estavam decididos a tomar as decisões necessárias para a refundação do nosso Instituto. A mensagem inaugural do Irmão Benito foi um apelo incisivo para iniciarmos esse processo. Essa mensagem veio a ser o objeto de sua primeira Circular, intitulada: “Caminhar em paz, mas depressa.”

Em resumo, quatro elementos-chave emergem dessa revisão das Conferências gerais, depois do Vaticano II:

1. Encontramos no coração de cada Conferência um tema que teve um efeito importante e durável sobre nosso Instituto, pouco importando se ele tenha sido mencionado explicitamente ou não.

2. Ele foi fundamental para o sucesso da Conferência e para envolver seus membros na sua preparação.

# Por uma liderança que gera vida

---

3. Encontramos cinco etapas para planejar e executar o trabalho das Conferências anteriores: estudo, consulta, planejamento, divulgação da informação e avaliação.

4. Concedendo um espaço privilegiado à oração pessoal e comunitária, dando o tempo e os meios necessários para as conversas informais e fraternas, os organizadores conseguiram fazer com que as Conferências atingissem seus objetivos, permitindo que os seus membros fossem os atores de um momento determinante, no trabalho de liderança do Instituto.

Guardando esses quatro pontos em nossa mente, voltamos nossa atenção para as expectativas da próxima Conferência e sobre os desafios que o Instituto deverá enfrentar.

## PARTIE II

### EXPECTATIVAS

Exatamente dentro de um ano, no dia 7 de setembro de 2005, nossa 7<sup>a</sup>. Conferência geral fará parte já do passado. No entanto, tudo o que dissermos durante a sua realização, será fundamentado sobre o que vocês e eu fazemos hoje. Queiram, pois, juntar-se a mim e aos membros da comissão preparatória<sup>2</sup>, para organizar um encontro do qual nos recordaremos como um momento determinante, nesses anos importantes de renovação do nosso Instituto.

É bem verdade que uma Conferência não é um Capítulo geral. Nela iremos encontrar muitas atividades comuns às Conferências precedentes: uma alocução sobre a situação atual do Instituto, relatórios das diver-

---

<sup>2</sup> Irmãos Luis Garcia Sobrado, Pedro Herreros, Mervyn Perera, Peter Rodney, Jean Ronzon.



sas Comissões do Conselho, etc. Mas nada nos impedirá de incluir, na ordem do dia, outros assuntos mais ambiciosos do que uma simples avaliação ou correções feitas no meio do percurso.

O atual estilo de vida marista também pede que façamos isso. Nosso Instituto enfrenta atualmente desafios para os quais não temos respostas claras e simples. Por exemplo, encontramos entre nós diferentes opiniões sobre assuntos como a formação, a natureza e essência do nosso apostolado, a regionalização e a reestruturação, apenas para nomear alguns.

Nós também deveremos continuar indo adiante, com coragem, porque temos sido agraciados com muitos sinais de esperança, particularmente durante estes últimos anos. Por exemplo, a partir de 1997, o número de irmãos, que cada ano fazem sua primeira profissão no Instituto, tem aumentado progressivamente, e é maior do que o número daqueles que pedem dispensa dos votos.

Em seguida, a partir do Capítulo de 1985, iniciamos uma nova fase de parceria marista com

os leigos. Grande é número daqueles que se engajaram conosco nesse trabalho e que desenvolveram a convicção de que o carisma dado à Igreja através de Marcelino, também lhes pertence.

Enfim, eu recebi mais de 300 respostas à minha carta aos irmãos idosos. Todos os meus correspondentes, exceto dois, afirmam que, se fosse possível, eles viveriam novamente sua vida marista.

## DESAFIOS

Esses sinais de vida e tantos outros acontecimentos esperançosos no Instituto no decurso destes últimos anos, deveriam todos nos encorajar e nos dar a força para enfrentar os desafios que nos parecem hoje os mais evidentes.

Durante os períodos anteriores de renovação da vida religiosa, encontrávamos regularmente três características nesses Institutos que se transformaram, com a graça de Deus. Primeiro, os membros desses grupos passaram por uma importante conversão pessoal. Jesus se

# Por uma liderança que gera vida

---

tornou verdadeiramente o centro e a paixão de suas vidas.

Segundo, eles não somente retomaram o carisma do seu Fundador, mas também o purificaram dos resíduos da história. Assim o carisma do grupo tornou-se mais adaptado para um novo momento histórico.

Terceiro, os membros desses

*Nós afirmamos a importância da “missão ad gentes”, no entanto, este aspecto fundamental de nossas vidas está progressivamente perdendo sua força nesses últimos anos.*

grupos souberam ler os sinais dos tempos, com audácia.

Se o primeiro elemento – centrar-se sobre Jesus e a Boa Nova – é essencial a todo processo de renovação, os outros dois são também importantes. No entanto, em uma época como a nossa,

quando o modelo de vida religiosa exige mudanças, temos a tendência de colocar a ênfase sobre a necessidade de ler os sinais dos tempos, mais do que reivindicar o carisma do fundador. O carisma é mais evidenciado em tempos de reforma. E hoje nós temos necessidade de certas mudanças que poderíamos qualificar de revolucionárias.

Eu acredito que os cinco apelos do último Capítulo geral refletem claramente os três elementos que acabo de mencionar. Além do mais, eu creio que se nós negligenciarmos os cinco sinais dos tempos discutidos mais adiante, seremos deficientes em nosso trabalho de renovação e, finalmente, seremos levados a trair o espírito do XX Capítulo geral.

## SINAIS DOS TEMPOS

Primeiro, *nós somos um Instituto internacional, há mais de um século, mas nem sempre nos comportamos como tal.* A diversidade caracteriza naturalmente todo Instituto que seja assim tão



## Questões para refletir :

**Orientações :** *Procure um lugar tranquilo onde você possa refletir sobre o que leu até o momento. Faça as anotações que julgar importantes para discussões futuras. Depois, reflita sobre as questões seguintes:*

Considerando os frutos da próxima Conferência geral:

- a. Qual é a sua maior esperança ? Explique.
- b. Qual é o seu maior temor ? Explique.

espalhado quanto o nosso. Este fato tem repercussões sobre nossa autocompreensão e o sentido que damos à identidade, à estima e à prática de nossa espiritualidade, à estrutura de nossa vida comunitária, nossa missão e nossos esforços em favor dos pobres e dos jovens, e nossa visão sobre os programas de formação inicial e permanente.

Hoje, presentes em 76 países, nossos membros representam várias culturas, línguas, experiências de fé, sistemas jurídicos e concepções de mundo. Estas diferenças são, freqüentemente, muito evidentes dentro de um mesmo país e de uma mesma

cultura. No entanto, a diversidade não deveria corresponder a uma falta de unidade, e nós deveríamos também nos lembrar que a unidade é raramente alcançada pela uniformidade.

Mesmo que um pouco velada, a crença errada de que certas culturas seriam superiores a outras persiste ainda no mundo. Infelizmente, essa atitude pode também, por vezes, atingir a vida do nosso Instituto. E mesmo aqui, nós encontramos preconceitos em todas as culturas.

Isso gera, no entanto, incompreensões e julgamentos inexatos sobre as intenções do outro. Continuar com esse modo de

## Por uma liderança que gera vida

---

ser nos colocaria em contradição com o espírito de fraternidade e nos privaria da oportunidade de apreciar o caráter único de cada cultura e sua contribuição para todos no Instituto.

É importante, pois, que nos perguntemos se hoje estamos prontos a assumir o risco de uma verdadeira diversidade, acreditando que é possível manter a unidade. Será que é possível, você e eu, apreciarmos e respeitarmos mais a natureza multicultural do nosso Instituto e, mais importante ainda: somos capazes de escutar-nos uns aos outros sem preconceito? Estamos dispostos a fazer isso quando discutirmos sobre missão, espiritualidade, parceria com os leigos, formação, uso evangélico dos bens e vida comunitária?

Um exemplo. Os temas da identidade e da espiritualidade cativaram o coração dos participantes do XX Capítulo geral.

Eles perceberam também a necessidade de melhor defini-los. Mas nós fracassaremos nessa empreitada, a menos que aceitemos de fazer avançar estes temas a partir de uma perspectiva que, não somente aceite as diferenças, mas as respeite.

Com efeito, a palavra identidade pode assumir várias significações diferentes segundo as culturas. A mesma coisa pode-se dizer da nossa experiência de Deus, que varia de uma pessoa para outra, segundo nossos grupos de idade, nossas diversas tradições e costumes.

Em 1978, durante uma breve alocução na *Weston School of Theology*, o jesuíta Karl Rahner sugeriu que nossa Igreja enfrentaria um desafio semelhante em nosso tempo: passar de uma Igreja dominada pelo pensamento ocidental, para uma Igreja que tem uma perspectiva verdadeiramente católica.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Para saber mais sobre o assunto, ver: Karl Rahner, "Towards a Fundamental Theological Interpretation of Vatican II," *Theological Studies* 40(4), December 1979, e "Planning the Church of the Future," *Theology Digest* 30(1), Spring 1982.



Rahner comparava o desafio que enfrentamos hoje àquele dos primeiros cristãos, quando passavam do mundo da Cristandade judia, voltado sobre eles mesmos, para aquele do Império romano. Essa mudança foi difícil para muitos; no entanto, vivificante para todos. Esperamos que nosso próprio caminhar seja também fecundo.

Segundo, *nós afirmamos a importância da “missão ad gentes”, no entanto, este aspecto fundamental de nossas vidas está progressivamente perdendo sua força nesses últimos anos.* Aqui também, a conseqüência dessa situação é evidente: um declínio do espírito missionário que sempre marcou nosso Instituto.

Os biógrafos de Marcelino nos falam do seu ardente desejo de tornar-se missionário e, se não fosse por razões de saúde e de obediência, ele teria sido um deles. Ele era frágil de saúde e obedeceu ao Padre Colin que lhe pediu para continuar dirigindo o Instituto que havia fundado. No entanto, desde a nossa fundação, numerosos Irmãos

deixaram seu país de origem para fazer ressoar a Palavra de Deus em novas terras.

Algumas vezes fomos missionários sem que desejássemos isso. As leis Combes, aplicadas na França na aurora do último século, dispersaram perto de 900 Irmãos por todas as regiões do mundo. Um número quase igual de irmãos ficou na França para manter o Instituto, como um recurso extraordinário ao serviço da evangelização na Igreja local.

Dito isto, devemos reconhecer que nosso espírito para a *missão ad gentes* tem necessidade de ser reforçado em nossos dias. Ainda que no decurso dos últimos anos tenhamos realizado novas fundações na Argélia, no Chade, Cuba, Timor Leste, Guiné Equatorial, no Haiti, em Honduras, na Hungria, na Libéria e Romênia, alguns desses esforços sofreram contratemplos. Alguns irmãos pouco preparados, deixaram o Instituto; outros se desencantaram. Mesmo que cada uma dessas missões continue existindo, sua vitalida-

## Por uma liderança que gera vida

---

de futura e sua viabilidade dependerão dos esforços de cada um de nós.

A *missão ad gentes* assume, de mais a mais, um rosto novo em nosso Instituto: sem nosso apoio, algumas Províncias vão se apagar como um pequeno fo-

*Não resta nenhuma dúvida que sejamos chamados a viver a simplicidade. Também não temos mais necessidade de acumular provas: nós somos chamados neste momento, a fazer a opção pelos pobres.*

go. A reestruturação foi realizada para ajudá-las, mas uma ajuda adicional pode se tornar necessária, incluindo também uma ajuda de pessoal. Nossas *Consti-*

*tuições e Estatutos* são claros: as Províncias têm a obrigação de assistir aquelas que estão em dificuldade.

Mesmo que uma próxima circular sobre a *missão, as obras dos Pequenos Irmãos de Maria, e os João Batista Montagne de hoje* aborde certos aspectos da *missão ad gentes*, eu sugiro que esse tema seja um entre os que merecem um estudo mais aprofundado, na Conferência do próximo ano.

Terceiro, mesmo que já tenhamos discutido e escrito sobre esse assunto quase no final do Vaticano II, a simplicidade de vida e nosso apelo para servir os pobres continuam pedindo nossa atenção.

Em 1993, os capitulares enviaram a seguinte mensagem ao Instituto: *O Capítulo pede ao Instituto que se comprometa, prioritariamente, com os mais pobres.*<sup>4</sup> Com isso, eles recorda-

---

<sup>4</sup> Atas do XIX Capítulo Geral, Mensagem do XIX Capítulo Geral a todos os Irmãos, n. 27, Roma, outubro de 1993.





vam ao mesmo tempo um princípio da mensagem evangélica, as palavras de vários papas e os numerosos documentos do Instituto.

Durante os últimos 40 anos, nós nos esforçamos para melhor compreender o que significa a simplicidade de vida e o serviço aos pobres, nas numerosas e diversas culturas que compõem o Instituto.

Na busca desse intento, os temperamentos muitas vezes se inflamaram, de maneira que muitos guardam o sentimento de que seu trabalho não foi apreciado, enquanto outros manifestaram sua frustração face a uma aparente hesitação da sua Província ou Distrito, em agir de maneira decisiva – alguns diriam profética - nas questões relativas ao apostolado e à comunidade.

Não resta nenhuma dúvida que sejamos chamados a viver a simplicidade. Também não temos mais necessidade de acumular provas, enquanto religiosos e irmãos de Marcelino, que partilham seu carisma: nós somos chamados neste momento, a fazer a opção pelos pobres.

No entanto, não seremos capazes de tornar visível essa importante dimensão de nossas vidas, hoje, se não iniciarmos uma reflexão franca e fraterna sobre essa questão

Enquanto Instituto, Províncias e Distritos, temos a responsabilidade de administrar nossos recursos para o bem da missão. Foi sobre isso que o espírito guiou os membros do último Capítulo, quando eles estabeleceram o *Fundo do XX Capítulo geral*. Foi esse mesmo espírito que deu origem ao documento sobre o uso evangélico dos bens, que continua ajudando os irmãos de várias Províncias e Distritos.

Em resumo, no Instituto, compreendemos de maneira diferente a simplicidade de vida e o serviço aos pobres. Essas diferentes concepções são muitas vezes determinadas pelas circunstâncias de cada Unidade Administrativa, por vezes, também, pelas circunstâncias de vidas individuais. O rosto dos pobres difere de uma região para outra, de um país para outro

## Por uma liderança que gera vida

---

e mesmo no interior de um mesmo país. Assim, nós não podemos deixar de estudar esse tema e, mais importante ainda, de fazê-lo de maneira decisiva e profética.

Quarto, *mesmo que várias iniciativas, boas e úteis, estejam sendo desenvolvidas para a formação inicial em certas regiões do Instituto, existe também diferentes opiniões e pontos de vista contraditórios quanto à melhor maneira de realizar esse importante trabalho.*

Como eu já mencionei antes, depois de vários anos, o número de irmãos que emitem seus primeiros votos tem sido regularmente superior àquele dos que pedem dispensa. E isso é uma boa notícia.

Essa tendência, no entanto, não é uma realidade em todas as partes do Instituto. Há Províncias que não têm recebido um só postulante ou candidato, há vários anos. O período de 12 meses que reservamos, este ano, para o despertar das vocações, não é senão um dos esforços realizados para mudar essa situação.

Há, também, Províncias onde os irmãos deixam o Instituto pouco tempo depois da primeira profissão. Seguramente, se um jovem ou um candidato mais maduro foi aceito à primeira profissão, acredita-se, em princípio, que ele tenha o potencial para vir a ser um bom irmão. Devemos, pois, identificar claramente as causas pelas quais os jovens irmãos partem e tomarmos as medidas necessárias para remediar essa situação.

Eu percebo também que hoje, no Instituto, entendemos a formação inicial de maneiras diferentes. Por exemplo, há uma discordância de opinião quanto à formação teológica mais apropriada para os candidatos e os jovens irmãos, quanto à influência das ciências humanas na formação, quanto ao melhor meio geográfico para uma casa de formação. Mesmo que tal situação seja previsível, os grandes objetivos da formação devem ser respeitados quando tomamos uma decisão.

Inicialmente, nossa primeira identidade de irmão é uma iden-



tidade religiosa. Nossa preparação teológica, durante a formação, deveria ser, pois, estimulante, contemporânea e completa. Não podemos compreender bem a cristologia, os sacramentos, a mariologia, a moral, as Escrituras, os dogmas, o apostolado dos jovens, a catequese, etc., fazendo apenas uma série de cursos rápidos. Pelo contrário, temos necessidade de um programa completo que prepare os jovens irmãos a serem arautos da Palavra de Deus, hoje.

Vale também a pena que nós discutamos o papel das ciências humanas na formação. A psicologia, a sociologia e a antropologia têm acompanhado os religiosos e religiosas em seus processos de renovação.

A formação é essencialmente um itinerário espiritual. Os candidatos e os postulantes, e mais tarde os noviços e os professos temporários, são envolvidos num processo de discernimento. Eles devem ser capazes de descobrir a vontade de Deus, em sua vida.

Difícilmente podemos imagi-

nar uma formação equilibrada sem incluir a dimensão psicológica da pessoa. Não somente os jovens irmãos, mas nós todos necessitamos de uma compreensão clara da nossa identidade pessoal, das motivações que nos conduziram à vida religiosa e que nos ajudaram a perseverar, de uma apreciação de nossa sexualidade e do conhecimento da influência dos acontecimentos passados sobre nossa vida atual.

No passado, pouco entendíamos sobre a importância das ciências humanas em nossos programas de formação, e isso pode causar, como de fato causei, indizíveis sofrimentos a alguns daqueles que viveram nesse estilo de vida.

Nossa opinião quanto ao lugar onde devem ficar as casas de formação são muito divergentes, mesmo dentro de uma mesma Província ou Distrito. Quando eu era jovem irmão em formação, vivi em diferentes comunidades, o que ilustra bem esse aspecto.

Meu postulado e noviciado

## Por uma liderança que gera vida

---

foram feitos numa granja em Tyngsboro, Massachusetts. Lá, nós fazíamos nossos estudos de formação e um pouco de trabalho manual. Até hoje estou certo de que não teria nenhuma dificuldade para tirar leite de uma vaca, limpar um galinheiro ou uma pocilga.

Ainda que Boston estivesse somente a 40 quilômetros ao Norte, nossos contatos com outras pessoas, além dos nossos companheiros de postulando e noviciado eram tão raros, que poderíamos dizer que vivíamos na lua. Isso para dizer quanto o lugar era rural, isolado e livre de toda distração.

Em contrapartida, eu passei meus três anos de profissão temporária em uma comunidade de inserção, no *East Harlem*, Nova Iorque. Durante esses anos a região era célebre pelo tráfico de droga e pelo crime organizado. Vários prédios, situados na nossa rua, tinham sido abandonados, roubados todos os objetos de valor e depois incendiados.

A maioria daqueles que com-

punham a comunidade ensinava nas escolas da Província da região de Nova Iorque e trabalhávamos também com um grupo comunitário que reconstruía os edifícios do bairro. Minha lembrança mais forte desses anos é

*Depois de vários anos, o número de irmãos que emitem seus primeiros votos tem sido regularmente superior àquele dos que pedem dispensa.*

que, durante a maior parte dos invernos, nós não tínhamos nem aquecimento nem água quente; uma situação difícil que partilhávamos com nossos vizinhos.

Eu não tenho a intenção de defender nem essa nem aquela concepção, mas somente lembrar que chegou o momento de avaliar completamente nosso programa de formação, com um olhar positivo, e com o desejo



de fazer, sendo necessário, os devidos ajustes.

Quinto, *enquanto irmãos e parceiros leigos maristas, nós começamos um novo momento da história do Instituto e da sua missão. Vários se perguntam: “Onde estão as novas estruturas e o novo vocabulário necessário para nos ajudar a tratar dessas situações?”*.

Um pequeno grupo de leigos, homens e mulheres, foi convidado para participar dos últimos Capítulos gerais e da Conferência de 1997. Sua presença foi enriquecedora para esses três encontros e serviu para lembrar, aos responsáveis, que a natureza e a missão do nosso Instituto são mais amplas.

No final desses encontros, os irmãos participantes fizeram uma avaliação. A grande maioria disse que a presença dos parceiros leigos tinha sido um passo positivo. No que eu saiba, nenhuma avaliação escrita oficial foi pedida aos leigos durante esses três encontros.

A participação dos leigos

nessas três reuniões foi um bom início, mas nós temos hoje necessidade de algo mais. Primeiramente, os grupos de leigos, homens e mulheres presentes, eram pouco numerosos e tinham sido escolhidos pelos Provinciais e seus Conselhos, nas diferentes regiões do Instituto. Por causa do tipo de reunião das diretivas de nossas Constituições e Estatutos, a função desses grupos era frequentemente limitada.

No Capítulo de 2001, alguns leigos presentes mencionaram de maneira informal que, ainda que sua presença nas reuniões fosse um avanço positivo, novas estruturas seriam certamente necessárias se nós fôssemos sérios, como Instituto, em relação à parceria com os leigos. Podemos resumir esse desafio da seguinte maneira: se vocês desejam ir adiante, ajudem-nos a nos organizar de uma maneira que favoreça uma representação mais efetiva e que permita uma melhor contribuição em nível local. É necessário criar estruturas que favoreçam o diálogo

## Por uma liderança que gera vida

---

neste nível, o que permitiria a formulação de propostas que seriam enviadas para as reuniões internacionais, tais como o Capítulo geral e a Conferência geral.

Esta recomendação me parece sensata e eis porque, após consultar o Conselho geral, eu decidi de não convidar um pequeno grupo de leigos para a Conferência de Sri Lanka, do próximo ano; mas antes, em preparação a essa reunião, escrever a vocês para pedir que colem informações, idéias e propostas dos parceiros leigos da sua região, utilizando meios idênticos ou semelhantes àqueles que vocês usam para os irmãos.

Encontros entre irmãos e leigos são comuns nos Distritos, Províncias e Regiões. Em outros lugares, encontros em pequenos grupos ou/e questionários são mais usados. Pouco importa o meio escolhido, mas venham à próxima Conferência após haver consultado anteriormente, não somente os irmãos da suas Províncias ou Distritos, mas

também os parceiros leigos. Eu espero assim proporcionar uma participação maior e mais ativa dos leigos em nosso Instituto e também na Conferência.

Inspirados por esse mesmo princípio, as Comissões da Missão e do Laicato do Consel-

*Chegou o momento de avaliar completamente nosso programa de formação, com um olhar positivo, e com o desejo de fazer, sendo necessário, os devidos ajustes.*

ho geral preparou uma Assembleia internacional, dos irmãos e leigos, para 2007.

As palavras que acabo de dizer sobre essas questões não são que uma introdução a uma conversa que deverá se prolongar durante os próximos meses. Estas não são decididamente as melhores palavras e, estou certo,



que não são as últimas para preparar a Conferência.

Durante os próximos meses, quando o Conselho geral começar a rever os relatórios das visitas das Províncias, a avaliar novamente o trabalho que foi feito durante as reuniões do Conselho geral ampliado, em todo o

Instituto, e que estará em contato direto com vocês, a fim de melhor conhecer as preocupações atuais e os desafios que julgamos mais importantes, eu sei que a pauta de nossa reunião tomará forma sobre uma base mais sólida.

Hoje, ainda, eu gostaria de

## Questões para refletir :

**Orientações :** *Encontre um lugar aprazível e reserve o tempo necessário para refletir sobre os cinco sinais dos tempos que acabou de descrever acima. Coloque por escrito suas reflexões para uso posterior. Depois, reflita sobre as seguintes questões:*

1. Escolha um dos cinco sinais dos tempos mencionados anteriormente como um dos seus temas de interesse ou dos seus irmãos e parceiros leigos de suas Província e Distrito. Se for o caso, qual (quais)? Queira explicar porque ele(s) lhe interessa(m).

2. Será que faltam *sinais dos tempos* nesta lista ? Se SIM, quais são e porque você os julga importantes ?

3. Entre os *sinais dos tempos* citados nesta carta, quais são os dois que, na sua opinião, deveriam ser tratados com urgência? Por que você os coloca na cabeça da lista ?

# Por uma liderança que gera vida

---

lhes apresentar os assuntos sobre os quais eu tenho mais me interessado nesses últimos tempos, assuntos que eu creio que sejam importantes para o futuro do nosso Instituto e sua missão.

Voltarei sobre isso na última parte desta carta. Nossa Conferência geral é, como eu mencionei anteriormente, um encontro dos responsáveis do nosso Instituto. Terminarei, pois, com algumas reflexões sobre liderança em nosso Instituto, hoje.

## PARTIE III

### **POR UMA LIDERANÇA MARISTA HOJE**

Harry Truman, Presidente dos Estados Unidos de 1945 a 1953, disse uma vez que “um chefe é um homem que tem o dom para fazer com que outros realizem o que não querem realizar; e aprendam a gostar de

fazê-lo.” Se esta definição de Truman é exata, o chefe mais eficaz entre nós, hoje, é sem dúvida, o Espírito Santo.

Eu creio que o mesmo Espírito teve um papel importante na eleição de cada um daqueles que assume uma responsabilidade, em nosso Instituto, atualmente. Se você é, pois, Provincial, Superior de Distrito ou Superior de comunidade local, que essa seja sua consolação: Deus escolheu você para dirigir. E seu “sim” em resposta à iniciativa de Deus foi um ato de obediência. Deus lhe pediu para fazer alguma coisa pelo Reino e, realizando-a, você coloca sobre seus ombros uma parte do fardo divino.<sup>5</sup>

Dessa forma, eu serei o primeiro a admitir que, em nossos dias, a liderança em nosso Instituto não é uma tarefa fácil. Um Provincial me confiou recentemente que, quando ele ouviu, no ano passado, o que os irmãos de sua Província esperavam de-

---

<sup>5</sup> Para desenvolver melhor essa idéia, ver: Howard Grey, sj, *Contemporary Religious Leadership*. *Review for Religious*, Set/Out 1997, 56(5), 454-467.





le, concluiu que era chamado a ser, ao mesmo tempo, um profeta e um bom administrador; a ser espiritualmente ardente e ao mesmo tempo hábil nas finanças; compassivo, mas capaz de tomar decisões difíceis, teologicamente cultivado e sensível às causas da justiça; um homem de oração e cheio de idéias sobre a maneira de conduzir sua Província e o Instituto neste século. Se você se sentiu superado diante das exigências e responsabilidades para exercer a liderança hoje, fique tranqüilo, sabendo que ninguém possui a resposta final, mas somente Deus.

Sim, a direção que nós propomos e as soluções que nós encontramos são resultantes das nossas tradições, da nossa oração, das nossas reflexões e nossas consultas. Mas nós sabemos muito bem que elas carregam também a marca humana dos nossos limites e medos. Então, por que nos surpreendermos? Enquanto dirigentes nós somos chamados a caminhar com Deus que nós não vemos e que nem sempre conse-

guimos encontrá-lo. Nisso consiste nossa forma de ascetismo.

O jesuíta Howard Grey narrou seus primeiros anos de sacerdócio. E lá encontrei uma lição, revelando o que se esconde no coração de uma liderança autêntica.

*Enquanto irmãos e  
parceiros leigos maristas,  
nós começamos um novo  
momento da história do  
Instituto e da sua  
missão.*

Haviam pedido a Grey de pregar um retiro para uma irmã idosa que se encontrava nas últimas etapas da esclerose múltipla. Ele descobriu nessa irmã uma mulher espiritual, perspicaz e sem a menor intenção de lamentar sua situação. A lição desse retiro chegou no dia seguinte.

Quando o padre foi saudar a irmã, ela lhe disse: “Padre, você é ainda um homem muito jovem

## Por uma liderança que gera vida

---

e eu sou uma velha perto de morrer; nós nos encontramos, portanto, num bom momento para receber conselhos. Quando era uma jovem irmã, eu pensava que era importante dar minha cabeça a Deus; então, eu estudei muito e fiz todos os cursos até chegar ao doutorado. Eu via a erudição como um caminho para chegar a Deus.

Mas alguns anos mais tarde, minha comunidade teve outras necessidades. Fui encarregada da administração de uma universidade e me tornei assim responsável por ela. Então eu pensava que o que Deus queria eram minhas mãos, minha habilidade para realizar grandes coisas para construir essa instituição.

“Agora, eis-me aqui! Eu luto para me lembrar, para manter um copo com água na mão. Chego à conclusão, agora mais do que nunca, que o que Deus desejava, ao longo da minha vida, era meu coração. Dê sua cabeça e suas mãos a Deus, mas acres-

cente também seu coração.”<sup>6</sup>

Eu diria que se nós devêssemos rezar, pedindo uma única graça, essa deveria ser para dar nosso coração: a graça de amar nossos irmãos. Chame isso “graça de estado”, chame-a como quiser. O verdadeiro desafio de um chefe, hoje, e de tornar-se um homem mais afetuoso, apesar dos limites e dos riscos que isso implica.

Nossa missão é antes de tudo um trabalho do coração. Sim, nós fomos chamados a transmitir uma visão a nossos irmãos e aos nossos parceiros leigos, nestes tempos confusos e mutáveis. Mas nós somos também chamados a levar nosso carinho e atenção àqueles que caíram; ajudar aqueles que erraram a confrontar-se consigo mesmos; encorajar os que se sentem abatidos e esgotados ao longo do seu caminho.

Nós só seremos capazes de fazer isso, se tivermos conseguido chegar a nos conhecer e a

---

<sup>6</sup> Ibid



nos aceitar, com todos os nossos dons, mas também com todos os limites e nosso pecado.

Jesus podia falar aos dois corações decepcionados dos discípulos, no caminho de Emaús, porque seu coração tinha sido também aberto, sua fé colocada à prova, sua esperança desafiada e seu amor ferido. Jesus sabia,

*Dê sua cabeça e suas  
mãos a Deus, mas  
acrescente também seu  
coração...*

mais do que ninguém, que não poderia haver um Emaús sem a cruz.<sup>7</sup>

Posso dizer que sempre fui um homem cheio de esperança quanto ao futuro do nosso Instituto e sua missão. Quem ousaria dizer que a missão de anunciar a Boa-Nova de Deus, às crianças e

jovens, é hoje menos importante do que no tempo do Padre Champagnat? Hoje, nossa missão pode ser realizada de diferentes maneiras, nas diversas partes do mundo; mas tornar Jesus conhecido e amado continua sendo o centro do mandato evangélico.

Eu estou também cheio de esperança pelo que vejo e escuto a respeito dos esforços encetados para assegurar que o Padre Champagnat reconheceria seu Instituto hoje, se ele visitasse algumas das nossas comunidades. Marcelino amava Deus, mas amava também seus irmãos. Em uma carta aos membros de uma comunidade, ele escreveu: “Vocês estão bem convencidos, ao menos deveriam estar, que eu amo a todos com ternura de pai. Quero, ardentemente desejo, que nós nos amemos uns aos outros como filhos do mesmo Pai, que é Deus, da mesma mãe que é a santa Igreja. Enfim, para tudo

---

<sup>7</sup> Ibid.

## Por uma liderança que gera vida

---

dizer em uma só palavra: Maria é a Mãe de todos nós.”<sup>8</sup>

Não deveríamos ficar surpresos ao saber que, quando escrevia aos seus Irmãos, Marcelino abordava com frequência sobre a caridade. E como ele desejasse

*O verdadeiro desafio de um chefe, hoje, e de tornar-se um homem mais afetuoso, apesar dos limites e dos riscos que isso implica.*

desenvolver aquilo que esperava encontrar em seus irmãos, o Fundador encheu suas cartas de expressões que revelam seu amor por todos os seus irmãos. Nós lemos, em uma das suas circulares que foi escrita para convidar os irmãos para um retiro: “Como é bom... pensar que,

dentro de poucos dias eu terei o grato prazer de, com o salmista, dizer a todos vocês, num grande abraço: ‘Como é bom, como é agradável habitarem os Irmãos numa mesma casa!’”<sup>9</sup>

Além disso, Irmão João Batista nos diz que Marcelino era afetivo não somente nas palavras, mas também nas ações. Ele visitava com frequência nossos primeiros irmãos, os consolava, os encorajava e via quais eram suas necessidades. Sim, o grande desejo do Fundador de ver a caridade reinar entre nós, o levou a buscar todo tipo de razões e de meios para nos inculcar essa virtude.

Empenhemo-nos, pois, para nos reunirmos em Colombo, Sri Lanka, no próximo mês de setembro, levando em nossos corações esse mesmo espírito de caridade. Que a nossa viagem para o Leste venha a ser para nós uma nova Epifania! Que o

---

<sup>8</sup> Carta 168. 5 de janeiro de 1838 : ao Irmão Dénis, diretor em Saint-Didier-sur-Rochefort, Loire.

<sup>9</sup> Carta 132. 12 de agosto de 1837 : Circular, para as férias.



## Questões para refletir :

**Orientações :** *Encontre um lugar tranquilo onde você possa refletir, sem interrupção, sobre o que acabou de ler. Coloque por escrito suas reflexões que poderão lhe ser úteis em um momento de reflexão futuro. Depois, reflita sobre as seguintes questões:*

1. Você poderia identificar uma experiência de liderança que foi capaz de mudar seu coração?
2. Identifique, agora, uma experiência de liderança que deixou você cheio de dúvidas e de questões, sobre você mesmo e seu papel. Explique, por favor.

tempo que iremos viver juntos nos dê ainda mais razões para acreditar que um novo dia surgirá para nosso Instituto e sua missão, um dia onde essa caridade, que Marcelino tanto desejou, será uma forte evidência, e que o anúncio da Boa-Nova de Jesus Cristo aos pobres e aos jovens não será jamais colocado em dúvida!

Possam Marcelino e Maria

continuar a ser nossos companheiros hoje nos dias futuros.

Com toda a minha afeição e a certeza das minhas preces.

Ir. Seán D. Sammon, FMS  
Superior Geral

# Por uma liderança que gera vida

---

---

## SOBRE A CONFERÊNCIA EM SRI LANKA

1. Chegue bastante antes do encontro, a fim de se ajustar ao novo fuso horário e poder começar o trabalho em boa forma. Planeje também sua partida para o dia seguinte ao término da Conferência.

2. O clima de Sri Lanka é tropical ; você deve levar em conta as roupas que irá usar.

## INFORMAÇÕES SOBRE SRI LANKA

### *História :*

Os Cingaleses chegaram ao Sri Lanka no fim do 6º. séc. A.C., provavelmente provenientes do Norte da Índia.

O Budismo foi introduzido por volta da metade do 3º. séc. A.C., e uma grande civilização se desenvolveu nas cidades de Anuradhapura (reino entre -200 a 1000) e Polonnaruwa (1070 a1200).

No XIV século, uma dinastia do Sul tomou o poder do Norte e estabeleceu o Reino dos Tâmeis. Ocupada pelos portugueses no século XVI e holandeses no século XVII, a ilha foi cedida aos britânicos em 1796 e tornou-se colônia da coroa em 1802. Ela foi unificada, sob o governo britânico, em 1815.

O país tornou-se independente em 1948 sob o nome de Ceilão. Este nome foi substituído por Sri Lanka, em 1972.



As tensões entre Cingaleses e os Tâmeis resultaram em confrontos violentos durante os anos 80. Dezenas de milhares de pessoas foram mortas, numa guerra étnica, que continua incubada. Após duas décadas de combates, o governo e os *Tigres da Libertação Tamil* Eelam assinaram um cessar-fogo em dezembro de 2001, com a ajuda da Noruega que intermediou as negociações.

*População* : 19 905 165 hab

*Línguas* : Cinhala (língua oficial e nacional ) 74%, Tamil (língua nacional) 18%, outras 8%.

*Definição de alfabetizado* : 15 anos ou + sabendo ler e escrever.

*Taxa de alfabetização* : 92,30%

*Religião* : Budismo 70%, Hinduísmo 15%, Cristianismo 8%, Islamismo 7% (1999)

*Esperança de vida* : 72,89 anos

*Mortalidade infantil* : 14,78 (por 1000)

*Grupos de idade* :

0-14 anos : 24,8% (homens 2 526 143 ; mulheres 2 414 876)

15-64 anos : 68,2% (homens 6 589 438 ; mulheres 6 976 487)

65 anos ou + : 7% (homens 655 636 ; mulheres 742 585) (est. 2004)

# **Por uma liderança que gera vida**

---

---

**Notas pessoais:**